



CAROL CRISTINA SANTOS MARTINS

GERLAINE LOPES FRANCO

**TRATAMENTO DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO NAS
AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO
FUNDAMENTAL E MÉDIO**

LAVRAS – MG

2021

CAROL CRISTINA SANTOS MARTINS

GERLAINE LOPES FRANCO

**TRATAMENTO DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO NAS AULAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte das
exigências do Curso de Letras- Português/Inglês,
para a obtenção do título de licenciada em Letras
(habilitação: Português/Inglês).

Prof^ª. Dra. Raquel Fontes Martins

Orientadora

LAVRAS – MG

2021

CAROL CRISTINA SANTOS MARTINS

GERLAINE LOPES FRANCO

**TRATAMENTO DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO NAS AULAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

**APPROACH TO LINGUISTIC PREJUDICE IN PORTUGUESE
LANGUAGE CLASSES OF ELEMENTARY AND HIGH SCHOOL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte das
exigências do Curso de Letras- Português/Inglês,
para a obtenção do título de Licenciatura.

APROVADA em 08 de novembro de 2021.

Dra. Raquel Fontes Martins - UFLA

Dra. Helena Maria Ferreira - UFLA

Dra. Andrea Portolemos - UFLA

Prof^ª. Dra. Raquel Fontes Martins

Orientadora

LAVRAS- MG

2021

AGRADECIMENTOS

Eu, Gerlaine, sou grata a todos os professores do departamento de linguagens da Universidade Federal de Lavras que contribuíram para minha trajetória acadêmica, especialmente à Raquel, responsável pela orientação desse projeto. Obrigada pela paciência em esclarecer tantas dúvidas. Agradeço à minha dupla Carol pela cumplicidade e parceria para a realização desse trabalho. Sou imensamente grata ao meu esposo e companheiro, seu incondicional e valioso apoio foi definitivo em todas as etapas. Obrigado a toda minha família por compreenderem meus momentos de ausência. Sou grata à clínica Live que me concedeu a chance de fazer estágio supervisionado, e assim, conhecer um pouco mais da minha área de formação. Agradeço o apoio das minhas colegas de trabalho e das colegas de curso, em especial à Taísa e à Layla. Por fim, agradeço às professoras entrevistadas, a colaboração de cada uma foi muito importante para a conclusão deste projeto.

Eu, Carol, agradeço primeiramente ao apoio da minha mãe e das minhas irmãs para chegar aqui, sem elas nada disso seria possível. Agradeço também à minha colega e parceira Gerlaine por ter topado esse desafio e por todo acolhimento ao longo desses anos. Sou muito grata a minha companheira Daiana por ser meu braço direito e por nunca ter me deixado desistir. Agradeço ao meu amigo Marcos Gabriel por nunca ter soltado da minha mão ao longo desses quatro anos e por ter sido minha dupla nos momentos bons e ruins. Aos meus queridos professores do departamento de linguagens da Universidade Federal de Lavras por todo ensinamento, paciência, dedicação e compreensão já que muitas vezes não pude comparecer presencialmente em algumas aulas e todos me apresentaram caminhos para eu não desistir do curso. Ao meu ex-coordenador de curso Rodrigo Barbosa por ter me apoiado quando eu não via mais uma saída para lidar com as minhas dificuldades de trabalhar e estudar. Por fim, agradeço à minha orientadora Raquel por ter me acolhido e me orientado tanto na minha iniciação científica quanto no meu trabalho de conclusão de curso e principalmente, por sua dedicação e paciência.

RESUMO

O fenômeno da variação linguística faz parte das características de todas as línguas, ele está presente na fala de cada sujeito, em diversas situações de comunicação, em que o falante adapta a linguagem, conforme a necessidade. Entretanto, ainda existem visões e atitudes negativas em relação a alguns falares regionais ou sociais, os quais são julgados inferiores por não fazerem parte da norma padrão. As formas diferentes dessa norma de verbalizar algumas palavras ou expressões na Língua Portuguesa são raramente apreciadas devido a uma cultura que pré-determina a forma correta de falar. A abordagem adotada para a apresentação desta pesquisa apoia-se nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, baseada em Labov (1968; 1972) e, nos estudiosos Bagno (2005; 2007), Bortoni-Ricardo (2004; 2005), entre outros. O objetivo do presente trabalho é analisar o tratamento do preconceito linguístico nas aulas de língua portuguesa, a abordagem da BNCC (2018) sobre o tema e os materiais didáticos utilizados pelas voluntárias. Na metodologia, foi feita uma coleta de dados por meio de entrevistas realizadas com seis professores dos ensinos Fundamental e Médio. A análise dos dados permitiu verificar que, de modo geral, o tratamento da variação linguística e do preconceito linguístico em sala de aula é ainda limitado nas aulas de língua portuguesa, dos ensinos Fundamental e Médio.

Palavras-chave: Variação Linguística; Preconceito Linguístico; Ensino.

ABSTRACT

The phenomenon of linguistic variation is part of the characteristics of all languages. It is present in the speech of each individual, in many communication situations in which the speaker adapts the language as needed. However, there are still negative views and attitudes towards some regional or social speeches, which are considered inferior for not being part of the standard norm. These different ways of verbalizing some words or expressions in the Portuguese language are rarely appreciated or discussed due to a culture that pre-determines the correct way to speak. In these terms, the approach of this research relies on the assumptions of Variationist Sociolinguistics, initiated by Labov (1968; 1972), and on scholars Bagno (2005; 2007), Bortoni-Ricardo (2004; 2005), among others. This work aims at analyzing the approach to linguistic prejudice in Portuguese language classes. The approach of BNCC (2018) on the subject was considered. In the methodology, data was collected through interviews conducted with six elementary and high school teachers. Data analysis allowed us to verify that, in general, the approach to linguistic variation and linguistic prejudice in the classroom is still limited in Portuguese language classes, in elementary and high school.

Keywords: Linguistic variation; Linguistic prejudice; Teaching

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
2.1	Teoria sociolinguística: princípios.....	9
2.2	A questão do preconceito linguístico.....	10
2.3	Variação linguística e ensino.....	13
2.4	BNCC e o tratamento da variação linguística e da questão do preconceito linguístico.....	16
3	METODOLOGIA.....	20
4	ANÁLISE DE DADOS.....	24
4.1	“Em relação à formação acadêmica e continuada em língua portuguesa e estudos sobre a variação linguística”.....	24
4.2	“Abordagem acerca da variação linguística e do preconceito linguístico na BNCC e nos materiais didáticos”.....	27
4.3	Em relação aos desafios no ensino: Gramática vs Variação linguística.....	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
	REFERÊNCIAS.....	36
	APÊNDICE – RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO APLICADO.....	38

1 INTRODUÇÃO

É do conhecimento da maioria a existência das diversas formas de dizer a mesma palavra ou expressão. (BORTONI-RICARDO, 2005), tanto na modalidade oral como na escrita, porém a maioria das pessoas rotulam alguns dizeres como *certo* e *errado*; *bonito* e *feio*; *melhor* e *pior*. As falas julgadas “erradas” são estigmatizadas e seus usuários sofrem do preconceito linguístico.

O presente trabalho objetiva analisar o tratamento da variação linguística e a questão do preconceito linguístico nas aulas de língua portuguesa. Realizou-se uma coleta de dados que ocorreu por meio de entrevistas com professores do ensino fundamental e médio, a fim de entender como realmente essa temática é abordada nas escolas. A partir do nosso referencial teórico, apresentamos uma análise comparativa entre as informações dadas pelos entrevistados com as informações teóricas advindas de estudos da área e também no documento normativo Base Nacional Comum Curricular - BNCC.

Esta pesquisa apoia-se, principalmente, nos estudos da Sociolinguística Variacionista, a qual comprova a existência da correlação entre língua e sociedade a partir do princípio da heterogeneidade linguística. Os teóricos citados neste trabalho (LABOV 1968, BAGNO 2007, BORTONI-RICARDO 2005, entre outros) ponderam que a língua é viva, considerando que os seus usuários estão em constante transformação; para eles, as diferenças regionais, culturais, sociais, etc. são fatores determinantes para a diversidade linguística. Posto isto, buscamos ressaltar a importância de se trabalhar as variantes contidas no ambiente escolar introduzidas pelos próprios alunos, sem desprezar nenhuma, inclusive a norma culta e a norma padrão; a fim de criar condições para que o discente desenvolva sua competência comunicativa na interação social.

Logo, este trabalho surgiu com a necessidade de apresentar uma reflexão a respeito dos diferentes modos de se falar na língua portuguesa contidos no ambiente escolar, local em que o trabalho docente se concretiza. Almejamos não somente incentivar o respeito entre os alunos, como também, contribuir para uma qualificação dos processos de ensino e de aprendizagem da língua materna. Tendo como foco o princípio da heterogeneidade da língua, direcionamos nossas pesquisas e ações, a fim de confirmar e refletir sobre o “adequado” e “não adequado” no que concerne à língua conforme a situação de uso e contexto de interação. É necessário refletir sobre a nossa postura pedagógica perante as diferenças em salas de aulas

e de como trabalhá-las, sempre valorizando o que o aluno traz de conhecimento consigo.

Sendo assim, este estudo agrupa pensamentos de alguns teóricos (Bagno 2007, Bortoni-Ricardo 2005), os quais defendem o ensino da heterogeneidade das línguas nas escolas. Será realizada uma análise da (BNCC) sobre a abordagem e tratamento das variações linguísticas, juntamente com o combate ao preconceito linguístico no ensino da Língua Portuguesa. Posterior a isto, serão revelados os resultados obtidos por meio da análise de entrevistas feitas com seis professoras do ensino fundamental e médio. Por último, são apresentadas as considerações finais deste estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Teoria sociolinguística: princípios

O presente trabalho apoia-se na teoria sociolinguística de William Labov, abordando a área da mudança e da variação linguística. Esse ponto específico da Linguística é responsável por estudar a língua nas diversas situações de comunicação entre os seres humanos. Labov ([1972] 2008) desenvolveu um estudo em que observou e coletou diversos dados por meio de relatos pessoais em momentos de descontração, a comoção causada nesses momentos impedia uma grande monitoração da fala, e assim, o pesquisador obteve dados orais para analisar. Esse estudo possibilitou investigar aspectos linguísticos e sociais reais do cotidiano, examinando a heterogeneidade das línguas, a fim de encontrar regularidades que explicam que a língua não é assistemática, pois apresenta regras.

De acordo com essa corrente teórica, é fato que a variação é uma característica que todas as línguas têm em comum. Sendo assim, para a Sociolinguística, a língua não pode ser entendida como estrutura autônoma. Alguns elementos importantes devem ser levados em consideração para as variações ocorrerem, tais como: a história dos falantes, a cultura, a região e a situação social em que o sujeito se encontra. Todos esses fatores são relevantes, pois a linguagem é estudada em seu uso real, portanto, aspectos sociais e culturais são evidenciados e não apenas as estruturas linguísticas.

Mudanças na língua podem, assim, estar correlacionadas com mudanças na posição dos subgrupos com os quais o falante se identifica. As evidências atuais mostram que a maioria das mudanças em andamento acompanham

significativas distribuições sociais antes de registrarem qualquer alteração estilística. (LABOV, 1972. p.327).

Os conceitos de mudança e variação são parecidos. A mudança é definida como “Alteração ou modificação do estado normal de algo: mudança de caráter” (BECHARA, 2011). E sobre variação entende-se que é “Ação ou efeito de variar, de submeter a mudanças, de diversificar; inconstância, desigualdade” (BECHARA, 2011). De acordo com Labov, fundador da Sociolinguística Variacionista, a variação e a mudança linguística dependem de fatores que a condicionam, os quais podem ser linguísticos: tanto fonético-fonológicos como semântico-lexicais e extralinguísticos: grau de escolarização, faixa etária, sexo, mercado de trabalho, situação social, entre outros, analisados quantitativa e qualitativamente segundo os dados observados. Sobre isso, Bagno ressalta:

O objetivo central da Sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. Língua e sociedade estão indissolivelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra. (BAGNO, 2007, p.38)

Para Bagno (2007), é contraditório pensar que as línguas são estáveis e homogêneas, dado que os próprios usuários, os quais vivem em sociedade, são instáveis e heterogêneos; ou seja, além da diversidade, os seres humanos estão em constantes transformações que independem do local ou da época. Nessa perspectiva, para o sociolinguista, língua e sociedade se cruzam, sendo impossível estudar a língua separada da sociedade na qual está é falada.

Ao concordarmos com os variacionistas supracitados, podemos assegurar que é incoerente considerar a variação linguística como um problema; pois não existe uma língua modelo, ideal ou fixa - que nunca muda. Nesse sentido, fazem-se necessárias práticas pedagógicas que ensinem o estudo das línguas em seu contexto de uso sem discriminar nenhuma forma de dizer, portanto, a seguir veremos questões relacionadas ao preconceito linguístico nos estudos da língua portuguesa, foco da pesquisa.

2.2 A questão do preconceito linguístico

As línguas são fundamentais para as interações humanas. Além de possibilitar a comunicação, elas podem apontar a identidade e a cultura de um determinado povo “...a identidade local é uma categoria de pertencimento extremamente importante- muitas vezes, impossível de reivindicar e difícil de conquistar” (LABOV, 1972, p. 342). Contudo, algumas construções linguísticas são taxadas como erro, e os falantes que as utilizam sofrem discriminação e preconceito. O termo *preconceito* de acordo com o dicionário é: “Opinião ou ideia formada antecipadamente e sem reflexão nem fundamento razoável sobre alguém ou alguma coisa” (BECHARA, 2011, p. 1017). É denominado de preconceito linguístico todas as construções linguísticas que se diferenciam da gramática normativa. Dito isso, Gomes, (2009, p.76) afirma:

Esse preconceito é fruto de uma história de prescrição da gramática normativa, que nos acostumou a achar que toda forma diferente das regras gramaticais contidas nos livros que estudamos são “erradas”. É fruto de uma tradição de tratamento da língua como sistema rígido de leis a serem cumpridas, e que aquele que não as cumpre é “julgado e condenado” por isso. (GOMES, 2009, p.76)

Afirmar que as formas diferentes de se expressar, as quais se distanciam dos usos prescritos pela gramática normativa, são erradas, além de configurar preconceito linguístico, é negar a competência linguística do falante em dominar sua própria língua materna, independentemente do nível de escolaridade. É real e explícita a ilusão criada de que as pessoas com maior notoriedade social e com maior nível de escolaridade desempenham maior domínio sobre o uso da língua, e por isso são superiores em relação aos demais. Segundo Marcos Bagno (2005, p. 35) “Todo falante nativo de uma língua sabe essa língua. Saber uma língua, no sentido científico do verbo saber, significa conhecer intuitivamente e empregar com naturalidade as regras básicas de funcionamento dela.”. Portanto, é errado contestar o fato de que o falante domina sua língua materna, o que acontece, na realidade, são os falantes usarem expressões desconhecidas ou diferentes das variantes de maior prestígio de certa sociedade.

Uma vez reconhecido que o quadro social da mudança linguística é uma sociedade hierarquizada, estratificada, é preciso reconhecer que nem todas as formas de prestígio se disseminam pela comunidade e nem toda mudança vinda de cima tem sucesso. (LABOV, 1972, p. 395)

Segundo Bagno (2005), o preconceito linguístico ocorre tanto na sua modalidade falada quanto na escrita. Na modalidade falada, como já ressaltado, a sociedade cobra dos

falantes a linguagem considerada padrão. Na modalidade escrita, os prescritivistas misturam erros ortográficos com erros linguísticos, que de fato sucedem pelo desconhecimento da ortografia oficial, sejam por sujeitos que estão na fase de aquisição da escrita padrão ou por sujeitos que apresentam baixo grau de letramento. Desse modo, alguns termos utilizados pelos falantes são estigmatizados, tais como "a gente vamos?" "pra mim fazer".

Atualmente no Brasil, segundo Coelho (2010), muitas pessoas ainda confundem o ensino da gramática com o ensino da língua materna, seguindo um modelo com infinitas e cansativas regras linguísticas as quais já não são classificadas como únicas ou corretas, nem mesmo para os sujeitos com alto nível de escolarização. Esse ensino focado em regras gramaticais causa uma certa aversão naqueles que estudam o português brasileiro, por acreditarem que essa língua é difícil. Dentre os autores que tratam dessa questão, destaca-se Martins e Guimarães (2016), que defendem a posição de que faz-se necessário, nós, enquanto docentes, “sermos capazes de fazer o uso da língua nas modalidades oral e escrita e sabermos transitar nos diversos espaços comunicativos.” (MARTINS e GUIMARÃES, 2016, p. 73). Nessa perspectiva, é papel das escolas juntamente com os educadores, desconstruir essa confusão e explicar que as muitas variedades existentes não são feias ou erradas ao serem pronunciadas; que elas podem ser utilizadas dependendo da situação ou contexto, sem precisar excluir nenhuma, como destaca Bortoni-Ricardo:

Em situações que exijam mais formalidade, porque está diante de um interlocutor desconhecido ou que mereça grande consideração, ou porque o assunto exige um tratamento formal, o falante vai selecionar um estilo mais monitorado; em situações de descontração, em que seus interlocutores sejam pessoas que ele ama e em que confia, o falante vai sentir-se desobrigado de proceder a uma vigilante monitoração e pode usar estilos mais coloquiais. Em todos esses processos, ele tem sempre de levar em conta o papel social que está desempenhando. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.73).

Sendo assim, para que o preconceito linguístico seja evitado e combatido, ao invés de se trabalhar com os fundamentos de *certo* e *errado*, a sociolinguística sugere trabalhar com a noção de adequabilidade dependendo do ambiente, da circunstância e do contexto. Pois a maneira de dizer muda de acordo com o público, o ambiente e o assunto. Ou seja, em ambientes formais, o sujeito escolhe palavras mais monitoradas para transmitir, de forma verbal, a mensagem pretendida; como em uma palestra, por exemplo. Já em contextos sociais em que o sujeito está na presença de amigos e/ou membros de sua família, em uma festa, por

exemplo, ele irá selecionar palavras mais coloquiais, uma vez que a monitoração da fala é menor.

O compromisso do educador é, antes, com a formação do aluno, com o desenvolvimento de suas capacidades tanto de reflexão sobre a linguagem quanto do uso crítico da língua. E na medida em que língua e linguagem são parte indissociável de nossa forma de ser e de viver, da história individual e coletiva de todos nós, a educação linguística não pode deixar de ocupar-se do maior número possível de suas facetas, em especial aquelas mais envolvidas na vida social (BAGNO, 2007, p.15).

Nos dias atuais, de acordo com Coelho (2010), muito se fala dos vários tipos de preconceitos existentes, porém o preconceito linguístico, apesar de não ser novo, ainda é pouco debatido, sobretudo nas escolas, as quais devem priorizar o seu combate. Abordar o tema ainda é um desafio para muitas instituições, fazendo necessário então, uma mudança de postura das pessoas responsáveis a fim de proporcionar uma educação que, pelo menos, chegue perto do ideal. Apesar disso, o preconceito linguístico, independentemente de ainda estar muito presente em vários ambientes na sociedade, inclusive no escolar, começou a ser discutido e combatido, mesmo que de forma tímida. É inegável que algumas mudanças já acontecem no ensino do português brasileiro. Livros didáticos e documentos, como a BNCC (2018), já dispõe páginas que abordam o fenômeno da variação linguística e suas possíveis causas e consequências. Nessa linha de pensamento, abordaremos a seguir sobre o tratamento da variação linguística no ensino da língua materna.

2.3 Variação linguística e ensino

Como já evidenciado, William Labov fundou a sociolinguística variacionista e para Coelho (2010), além de ela ser importante para a pesquisa linguística, a sociolinguística variacionista desempenha fundamental papel no ensino da língua materna. Bortoni-Ricardo (2005, p. 15) afirma: “A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores, e por meio destes, os alunos têm de estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa”. Sendo assim, a formação do professor e seu trabalho são evidenciados; o docente deverá administrar suas práticas pedagógicas considerando as variações existentes entre seus alunos, levando-os a entender a diversidade e a respeitá-la sem

discriminar nenhuma forma que seja diferente ou estranha de sua própria. Sobre isso, Bagno diz:

À professora e ao professor de língua portuguesa cabe o trabalho de reeducação linguística de seus alunos e de suas alunas. O que significa isto? Significa valer-se do espaço e do tempo escolares para formar cidadãos e cidadãs conscientes da complexidade da dinâmica social, conscientes das múltiplas escalas de valores que empregamos a todo momento em nossas relações com as outras pessoas por meio da linguagem (BAGNO, 2007, p .82).

Portanto, a variação é um fator que não deve ser desconsiderado nas salas de aulas; é necessário um ensino que possibilite aos alunos refletir e interagir como sujeitos ativos na sociedade. Conforme o estudante desenvolve seu letramento, maior será o seu conhecimento linguístico, a fim de adequar sua fala dependendo de cada contexto. Nessa perspectiva, Bagno (2005) concorda com os estudos de Labov (1972), o qual conclui que é necessário investigar as variáveis linguísticas correlacionando com o meio social no qual os falantes estão inseridos, o que torna possível estudar e explicar as ocorrências linguísticas.

A Sociolinguística assume, portanto, que existe uma forte correlação entre os mecanismos internos da língua e fatores externos a ela, tanto de uma ordem “micro”, envolvendo nosso grau de contato e de identificação com os grupos com os quais interagimos no dia-a-dia, quanto de uma ordem “macro”, relacionada a uma estratificação social mais ampla. (COELHO, 2010, p.29)

Nessa perspectiva, a ordem "micro" faz referência aos mecanismos internos ao desenvolver o enunciado. Segundo Bortoni-Ricardo (2005), essa característica própria da língua, de ser um sistema heterogêneo, acontece de forma organizada e está incorporado, à competência linguística do falante; ou seja, todo o falante nativo domina as estruturas heterogêneas de sua língua; e também é composta de uma ordem "macro", pois ele se adapta conforme as alterações nas ocorrências linguísticas. Portanto, Bagno (2007) chama a atenção das escolas para a importância de se abordar a heterogeneidade da língua nas salas de aulas, cujo local é constituído, essencialmente, de diferenças entre os estudantes.

Sendo assim, de acordo com Coelho (2021), é correto afirmar que língua e sociedade mantêm uma relação íntima e de mútua dependência, que não pode ser desfeita; também não há como impedir a evolução de ambas, as quais são influenciadas por inúmeros fatores

linguísticos e extralinguísticos. Para entendermos melhor o que acontece na prática nos ambientes sociais, sobretudo nas escolas, temos, como exemplo, a ocorrência das consoantes /d/ e /t/ pronunciadas como [d] e [t] (e não ó como [ʝ] ou [dʒ] diante de [i], como em “bom dia, titia!” Coelho (2010, p. 33). Percebe-se que essa variação tem um condicionamento linguístico, porque isso só ocorre antes da vogal “i”, e se trata, concomitantemente, de um fator extralinguístico, pois são formas típicas do falar nordestino, configurando assim, variação regional ou diatópica.

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais formas de dizer a mesma coisa. E mais que essas que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

Bortoni-Ricardo (2005) complementa, afirmando que é função da escola, juntamente com os professores, motivar os alunos a compreenderem de que não há uma maneira única e ideal para se dizer, nem que uma é mais bonita, adequada ou melhor em relação a outras; que o uso de determinada forma dependerá do contexto.

Entretanto, faz tempo que a variação linguística é tema de ensino no Brasil. Os educadores, em sua maioria, exigiam dos alunos a norma-padrão da língua portuguesa, na qual se preza a nomenclatura e análise gramaticais descontextualizadas. Com as considerações da Sociolinguística a respeito da heterogeneidade de todas as línguas, houve “consideráveis mudanças no que deve ser a prática dos professores e das escolas.” (BAGNO, 2005, p.10). Contudo, muitos ainda exaltam a norma-padrão, dificultando assim, um ensino baseado no uso efetivo da língua materna. Sobre isso, Bortoni-Ricardo (2005, p.14) ressalta:

O prestígio associado ao português-padrão é sem dúvida um valor cultural muito arraigado, herança colonial consolidada nos nossos cinco séculos de existência como nação. Podemos e devemos questioná-lo, desmistificá-lo e demonstrar sua relatividade e seus efeitos perversos na perturbação das desigualdades sociais, mas negá-lo, não há como.

Nessa perspectiva, Bagno (2007) afirma que os linguistas não são a favor de excluirmos a norma-padrão da educação, cuja importância e necessidade resultam em descobertas significativas. As crianças vão para a escola já sabendo falar a língua materna, mas não

possuem um conhecimento aprofundado da língua que lhes possa ajudar a “realizar tarefas comunicativas complexas em que se exija muita monitoração.” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 74). Mesmo assim, a competência linguística do discente não é reconhecida, os professores julgam ser necessário decorar regras gramaticais para se falar e escrever bem.

Isso posto, Faraco (2008) ressalta que a responsabilidade/culpa não é só dos professores, pois eles foram ensinados da mesma forma e orientados a manterem o mesmo discurso tradicional. Para além disso, muitos até são instruídos, por meio da formação linguística, a colocar em prática nas salas de aula métodos que já não priorizam a gramática normativa, mas acabam sendo “bloqueados” por um sistema predeterminado que não pode ser contrariado. Felizmente, essa realidade vem mudando aos poucos, e atualmente nas faculdades, os estudos e as orientações defendem um ensino da língua que oportuniza reflexão, que esteja contextualizado com o cotidiano dos estudantes e que prioriza a amplificação do horizonte discursivo; Bortoni-Ricardo (2005, p. 15) ainda complementa “O problema não parece estar, pois, na existência de um código-padrão, mas no acesso restrito que grandes segmentos da população têm a ele.”.

Em decorrência dessa visão, afirma-se que, além da variedade de prestígio, existem outras variedades linguísticas, e que todas devem ser objeto de estudo, já que um único falante pode utilizar mais de uma variante de acordo com contexto na qual está inserido (LABOV [1972] 2008, p. 78). Como já dito, a linguagem varia de acordo com as necessidades e intenções de quem fala e para quem se fala, além das diferenças regionais, dialetais, de classe social, de idade, etc. Nessa perspectiva, cabe à escola focar nas prioridades sem fazer julgamento de valor e sem excluir a variante padrão, já que essa tem sua devida importância comprovada. Dando seguimento, analisaremos o que a BNCC aborda sobre a variação linguística e o preconceito linguístico.

2.4 BNCC e o tratamento da variação linguística e da questão do preconceito linguístico

É consenso entre os sociolinguistas (BAGNO, 2007; BORTONI-RICARDO, 2005; FARACO, 2008) a necessidade de haver uma mudança na postura docente ao conduzir os estudos da sociolinguística nas escolas, a fim de que o ensino da variação linguística possa ser efetivo na educação dos alunos. No Brasil, tanto as escolas públicas quanto as privadas,

devem reformular seus currículos tendo como referência a BNCC (Brasil, 2018). Algumas já se adequaram, e outras ainda estão em processo. A BNCC foi homologada em dezembro de 2017 para o ensino fundamental e, posteriormente, para o ensino médio.

A proposta desse documento de caráter normativo, segundo o próprio texto da BNCC, é ser “um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2017, p. 7). Assim, a Base refere-se a um conjunto de orientações sobre conteúdos que devem ser desenvolvidos nas escolas, os quais estão organizados por ano ou série, por disciplina, e dentro delas, por competências e habilidades.

Partindo dessas noções, tem-se que a Base atua como uma prescrição curricular que busca inserir na educação a equidade de oportunidade no que concerne ao ingresso, à permanência e à aprendizagem dos alunos (BRASIL, 2018, p.15). Cabe ressaltar, ainda, que esse documento normativo rege de maneira mais ampla sobre as normas de aprendizagem. Dessa forma, a Base “Desempenha papel fundamental, pois explicita as aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver e expressa, portanto, a igualdade educacional sobre a qual as singularidades devem ser consideradas e atendidas”. (BRASIL, 2017/2018, p. 15).

Além disso, este documento tem o papel de orientar os currículos escolares, esses, por sua vez, são elaborados pelas escolas e pelos municípios em consonância aos materiais que serão utilizados em sala de aula. A partir disso, os docentes assumem o papel fundamental de identificar os conteúdos, exemplificá-los e torná-los significativos para os alunos. Dessa forma, os professores passam a elaborar um *progressivo de aprendizagens* com base na realidade em que estão inseridos. No entanto, segundo (SILVA, 2005, p.15), é necessário que nós, futuros docentes, saibamos que não basta seguir de forma estreita as considerações postuladas pela BNCC, é preciso questionar “Por que este conhecimento e não outro?”

Em consonância com o tratamento da variação linguística, na Base, notadamente do componente curricular Língua Portuguesa, anos finais e ensino médio, tem-se dois eixos principais: o do conhecimento sobre as práticas de linguagem e o da compreensão sobre as transformações da língua, o fator social (BRASIL, 2018, p. 65). Dessa forma, no documento, este fenômeno linguístico está elencado como um dos seis objetivos gerais da educação básica, uma vez que, “O importante é que os estudantes compreendam que as linguagens são

dinâmicas, e que todos participam desse processo de constante transformação.” (BRASIL, 2017, p. 63).

Conforme defendido por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), a língua dispõe de diferentes formas para expressar os mesmos significados e nem por isso perde sua sistematicidade ou o seu poder como instrumento de comunicação, a língua é um sistema heterogêneo que possui variabilidade. Sobre isso, a BNCC pontua que:

Os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado. (BRASIL, 2017, p. 81).

Evidencia, dessa forma, a relevância de abordar esse fator de variação, em sala de aula, para além dos moldes normativos, os quais estão enraizados na norma padrão. Os docentes, por sua vez, necessitam ter como ponto de partida as diversidades linguísticas por diversos fatores tais como sociais, políticos, históricos e culturais. Um bom exemplo é-nos apresentados por Bortoni-Ricardo (2014, p.157) sobre o uso da variação no ensino. A autora considera que “nenhuma língua ou variedade de língua, em uso ou em comunidades de fala, deveria ser considerada inferior ou subdesenvolvida”. No entanto, a realidade nas escolas, “Quando o assunto é variação linguística, o tratamento oferecido pela maioria dos livros didáticos ainda deixa muito a desejar. Isso se deve, provavelmente, à inexistência, entre nós, de boas obras de divulgação dos conceitos básicos da sociolinguística”. (BAGNO, 2007, p. 18)

Concordamos com Bagno (2007), ao mencionar a fragilidade dos materiais didáticos concernentes à abordagem da variação e do preconceito linguístico, em sala de aula, já que quando se defende uma concepção cristalizada sobre o que é o “certo” e “errado” na língua, corre-se o risco de praticar o preconceito linguístico. O autor expõe que a nossa língua é heterogênea e o erro está em quem a considera correta, bem-acabada e fixada em bases sólidas (BAGNO, 2007, p. 37).

Proporcionando uma visão numa perspectiva mais ampla, Batista-Santos e Santos (2019, p.55) asseguram que “existem, ainda, dificuldades por parte dos professores de LP para se engajarem nessa nova proposta de ensino (...) eles são frutos de uma concepção cristalizada que privilegiava o “certo e o errado”. Notamos, dessa maneira, que mesmo perante a

diversidade de falantes no ambiente escolar e as competências de linguagens apresentadas pela BNCC, muitos professores priorizam, ainda, o ensino da gramática normativa vinculada tanto à fala quanto à escrita dos alunos.

Segundo Bortoni- Ricardo (2014), o preconceito linguístico pode ser considerado como uma espécie de corolário da história do pensamento humano, o qual está atrelado a uma perspectiva da norma padrão. Assim, esse cenário, descontextualizado, do ensino da gramática normativa relacionado à prática e ao uso da língua, no âmbito educacional, ecoa nos alunos de maneira fragmentada já que, segundo Bagno (2005):

[...] uma única língua portuguesa digna desse nome e seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, ‘errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente’, e não é raro a gente ouvir que ‘isso não é português’. (BAGNO, 2005, p. 40).

Sobre isso, na referida Base, notamos apenas um pequeno parágrafo, o qual considera que “É relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico” (BRASIL, 2018, p. 70). Além disso, é preciso ponderar que essa ideia é retomada no quadro de habilidades, associado ao campo de variação linguística, mas carente de informações complementares sobre o assunto em questão. A partir dessas observações, percebemos que há sim um espaço pensado para o tratamento da variação linguística e do preconceito linguístico na BNCC, mas de forma limitada.

Nas palavras de Bagno (2007), as abordagens acerca da variação linguística e do preconceito linguístico, no âmbito educacional são frágeis uma vez que:

Embora o tratamento dado aos outros eixos de ensino (leitura, oralidade e produção textual) se revele cada vez mais aprimorado, a abordagem da língua como sistema e da variação linguística como fenômeno social ainda revela um excessivo apego à doutrina gramatical tradicional e a uma ideologia conservadora acerca do que é uma norma urbana de prestígio. (BAGNO, 2013, p.14)

Nesse sentido, concluímos que, embora a BNCC apresente preceitos acerca da Sociolinguística - dentre os quais destacamos, a variação e o preconceito linguístico - o documento apresenta uma carência de especificações acerca das práticas docentes, isto é, a Base não apresenta uma metodologia de como essas temáticas podem ser abordadas no âmbito escolar ao longo dos Anos Finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

A próxima seção trata da metodologia adotada neste trabalho, a fim de investigar o tratamento do preconceito linguístico nas aulas de língua portuguesa.

3 METODOLOGIA

Primeiramente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre os estudos da sociolinguística variacionista, com foco variação e na questão do preconceito linguístico no ensino. Em seguida, optamos por elaborar perguntas a fim de entrevistar professores de LP utilizando como base o suporte teórico da pesquisa bibliográfica, com o intuito de investigar como a variação linguística e o preconceito linguístico têm sido contemplados nas salas de aulas.

Vale ressaltar que esta pesquisa é do tipo qualitativa, em que buscamos “...definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório.” Gil (2002, p. 133).

Para a realização da pesquisa, fomos beneficiadas com a colaboração de seis professoras do ensino fundamental II e do ensino médio. Tivemos acesso ao contato de todas, parte por nossas experiências em estágios e parte por indicações de amigos. Elaboramos o questionário e a ficha de identificação previamente antes de enviá-los, na medida em que recebíamos o retorno das professoras com suas respectivas respostas, fazíamos uma pré-análise dos dados coletados. Só a partir do retorno de todas as 6 professoras, é que demos início à escrita definitiva dos dados. Sendo assim, a fim de obter informações específicas a respeito do nosso objeto de estudo, formulamos o seguinte questionário:

Quadro 1:

Ficha de identificação das professoras:

1ª Qual a sua idade?

2ª Especifique sua formação acadêmica

- Graduação:
- Pós graduação:
- Cursos de formação continuada para docentes:

3ª Em qual município você atua?

4ª Em qual setor atua?

- Pública
- Privada

5ª Há quanto tempo leciona?

6ª Para quais turmas leciona (anos finais do ensino fundamental e/ou ensino médio)?

Fonte: elaborado pelas autoras

Quadro 2:

7ª pergunta: Qual a sua concepção de língua?

8ª pergunta: Para você, o que e como deve ser o ensino de língua portuguesa?

9ª pergunta: Como você avalia sua formação (inicial e continuada) na área de ensino de língua? E na área específica de ensino da variação linguística?

10ª pergunta: Você acha que a orientação curricular utilizada pela escola (BNCC, Currículo Referência de Minas Gerais ou outros) delimita, adequadamente, o trabalho com a variação linguística na sala de aula?

11ª pergunta: Você trabalha a questão da variação linguística na sala de aula? Como? Se possível, exemplifique.

12ª pergunta: E a questão do preconceito linguístico, você trabalha também? Como? Se possível, exemplifique.

13ª pergunta: Que material didático você utiliza? Nesse seu material didático, há proposta de trabalho com as temáticas concernentes à variação linguística e ao preconceito linguístico?

14ª pergunta: Quais desafios você enfrenta no ensino da variação linguística e da questão do preconceito linguístico?

15ª pergunta: Você gostaria de ter mais formação na área de ensino da variação linguística? Justifique sua resposta.

Fonte: elaborado pelas autoras

É importante destacar que mesclamos as perguntas, as 6 primeiras se destinaram a coletar informações pessoais/acadêmicas das professoras e das escolas onde cada uma leciona; as perguntas 7, 8 e 9 estão relacionados à vida e à prática docente em sala de aula, a

fim de conhecer o perfil das docentes; e as perguntas de 9 a 15 são direcionadas especificamente sobre o ensino das variedades linguísticas e o tratamento do preconceito linguístico. Os dados foram coletados entre os dias 06 e 25 de junho de 2021, por meio de questionário estruturado enviado via internet, com o auxílio do Google Forms. O contato com os voluntários da pesquisa foi realizado por intermédio de e-mails e mídias sociais. Esses procedimentos foram utilizados para evitar abordagens presenciais, devido ao contexto pandêmico.

Dentre os autores que trataram do questionário como método de coleta de dados, destacam-se Tomitch (2009), Tumolo (2009) e Kleinschmitt (2001), os quais asseguram que o questionário é uma técnica de investigação que envolve perguntas abertas ou fechadas e que permitem confiabilidade. Sendo assim, a fim de obter informações específicas a respeito do nosso objeto de estudo, elaboramos o questionário tendo como referência a dissertação de mestrado da Natalice Ferreira dos Santos (2021), a qual é voltada para o ensino da língua Portuguesa.

O questionário foi composto por 15 questões, sendo elas abertas e de múltipla escolha, concernentes à trajetória profissional docente e ao tratamento do preconceito linguístico e da variação linguística nas aulas de língua portuguesa do ensino fundamental e médio. Ressaltamos, ainda, que todas as voluntárias foram informadas sobre a confidencialidade de suas identidades. Dessa forma, para a análise do questionário nesta pesquisa, as professoras foram nomeadas desde Professora 1 até a Professora 6.

Foram entrevistadas seis professoras da educação básica, de diferentes idades que variam de 25 a 46 anos, com idade média de 34 anos. A formação das docentes variou de graduação a pós-graduação, totalizando três pós-graduadas, uma estudante de mestrado e duas graduadas. Já o tempo de atuação em sala de aulas dessas professoras varia de 3 a 26 anos. Quatro delas são atuantes no ensino fundamental II (E.F) e ensino médio (E.M) e duas são atuantes apenas no ensino fundamental II. No que tange à prática em sala de aula, cinco lecionam em escolas públicas e apenas uma leciona no setor privado, conforme mostrado na Tabela 1 abaixo:

Tabela 1. Caracterização dos participantes do estudo

ENTREVISTADA	IDADE (ANOS)	PERÍODO DE ATUAÇÃO	PARA QUAIS TURMAS LECIONA	SETOR DE ATUAÇÃO	FORMAÇÃO ACADÊMICA
Professora 1	25	3 ANOS	Ensino Fundamental II	Escola Privada	Mestranda em Educação
Professora 2	32	12 ANOS	Ensino Fundamental II	Escola Pública	Graduada em Letras
Professora 3	33	3 ANOS	Ensino Fundamental II e Ensino Médio	Escola Pública	Bacharel em Direito Complementação pedagógica em Letras/Língua Portuguesa
Professora 4	29	4 ANOS	Ensino Fundamental II e Ensino Médio	Escola Pública	Mestre em Letras
Professora 5	46	26 ANOS	Ensino Fundamental II	Escola Pública	Mestre em Educação
Professora 6	40	15 ANOS	Ensino Fundamental II	Escola Pública	Mestre em Letras

Fonte: elaborado pelas autoras

Tratando da formação das professoras, uma delas não fez licenciatura em Letras. É bacharel em direito, pós graduada em Direito civil e processual civil; fez apenas complementação pedagógica em Letras/língua portuguesa; e, atualmente, está concluindo o curso de licenciatura em matemática. As outras 5 professoras são graduadas em Letras, 3 delas possuem pós-graduação e apenas 1 está em processo de término do mestrado em educação na UFLA. Além dessa, outra professora também fez mestrado em educação e apenas 2 das professoras fizeram mestrado em Letras. Uma delas disse ter parado com a formação continuada.

Após a realização das entrevistas com foco no tratamento do preconceito linguístico e da questão da variação linguística, efetuamos nossa análise. A seguir, exporemos os resultados de toda a pesquisa fazendo uma descrição dos dados analisados tendo como referência a obra “Análise de conteúdo” de Laurence Bardin. Nessa obra, Bardin apresenta sua definição do que seja análise de conteúdo:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42).

Além da referência em Bardin, os resultados são acompanhado de nossa intervenção interpretativista baseada no nosso suporte teórico e também nos estudos de Moita Lopes (1994), o qual tem, como foco principal, o processo de uso da linguagem; visto que os dados

de uma pesquisa pertence ao mundo social e “os significados que o caracterizam são construídos pelo homem, que interpreta e re-interpreta o mundo em sua volta, fazendo, assim, com que não haja uma realidade única, mas várias realidades”. Moita Lopes (1994, p. 331)

Posto isto, optamos por apresentar nossa análise em três eixos. O primeiro objetiva relacionar a formação acadêmica inicial e continuada das professoras em língua portuguesa e em estudos sobre variação linguística. O segundo eixo se destina a expor a abordagem das temáticas acerca da variação linguística e preconceito linguístico nos materiais didáticos. Inicialmente serão caracterizadas as voluntárias da pesquisa e também os municípios e as escolas às quais estão vinculadas. Depois, serão expostas as concepções das professoras em relação ao ensino de língua. Em seguida, serão apresentadas as relações entre a prática docente e as orientações curriculares utilizadas pelas escolas tais como a BNCC, o Currículo Referência de Minas Gerais ou outros. E, por fim, serão expostos os desafios e as perspectivas das professoras de Língua Portuguesa em relação ao ensino da variação linguística e à questão do preconceito linguístico em sala de aula.

4 ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção, serão analisados os dados coletados na pesquisa em três subseções, apresentadas a seguir.

4.1 “Em relação à formação acadêmica e continuada em língua portuguesa e estudos sobre da variação linguística”

Sobre a formação inicial na área de ensino de língua, para a maioria das professoras, sobretudo as com maior tempo de carreira, o ensino foi avaliado por elas como “*raso*” e “*precário*”; apenas a Professora 1 considera sua formação inicial crítica-reflexiva, mas concorda com todas as outras que a formação continuada foi mais eficaz.

A Professora 2, especificamente, faz uma comparação de sua formação inicial com a que se ensina atualmente nas faculdades

...foi bem diferente. Em 1995, quando me formei, o ensino era totalmente voltado para o uso da gramática, não se aprendia a produzir artigos, capítulos...(Professora 2)

Já a Professora 6, que está em processo de término do Mestrado Profissional em Educação na Universidade Federal de Lavras - UFLA, obteve um ensino mais atualizado sobre as novas abordagens e meios de ensinar a língua materna

O ensino não pode ser tecnicista e utilitarista com enfoque somente na Gramática tradicional, mas sim um ensino que leve o sujeito a refletir sobre as práticas de linguagens circundantes na sociedade. (Professora 6)

Sendo assim, observamos que o ensino atual da língua portuguesa nas universidades, como também a formação continuada, possibilita às professoras transporem, em suas práticas docentes, abordagens para além daquelas ligadas ao ensino tradicional, priorizando um ensino

dinâmico, reflexivo e que promova o desenvolvimento da capacidade dos alunos de compreenderem textos e se comunicarem adequadamente nos diversos contextos.(Professora 3)

A professora 5 ainda destaca que

Uma das formas de ensino é basear a língua portuguesa na vivência dos alunos, desta forma ele terá a oportunidade de aplicar em sua vida de uma maneira descomplicada o que aprendeu. (Professora 5)

Seguindo essa linha, é possível fazer um paralelo com o principal ponto dos estudos de Labov (2006), de que a evolução da linguagem deve estar intimamente ligada com o fator social. As crenças das professoras vão ao encontro a essa premissa, por concordarem que a

análise linguística ensinada nas escolas deve ser contextualizada com o meio social, para que o aluno possa refletir sobre a língua como sujeito crítico na sociedade.

Concernente à formação inicial e continuada sobre os estudos da variação linguística, as entrevistadas não declararam focar nessa área. Algumas se justificaram,

*Quanto a variação linguística, muitas vezes, era vista como "errada".
Nunca fui orientada a trabalhar a variação linguística.(Professora 4)*

Uma delas disse simplesmente que não deu continuidade e outra mencionou que sua formação continuada

deixa a desejar com relação à variação linguística.(Professora 5)

Apesar disso, duas professoras demonstraram disposição para essa área:

A variação linguística é uma dessas áreas que me despertam o interesse.” (Professora 2)

Já a Professora 6, nos relata que, apesar de sua área de pesquisa estar voltada para os gêneros multimodais e multissemióticos, seus estudos

*de certo modo contemplam sutilmente a variação linguística.
(Professora 6)*

Portanto, percebe-se que nenhuma profissional se dedica especificamente aos estudos da variação linguística. Inferimos que seja consequência de um ou mais fatores, seja pela falta de incentivo das instituições, por não darem continuidade aos estudos na área, pela falta de acesso a materiais didáticos que contemplam a temática, etc, já que todas têm um pouco de conhecimento dos princípios e das características da Sociolinguística, segundo suas respostas.

Constatamos que, apesar de cinco das seis professoras possuírem pós-graduação, a maioria não investe em cursos de formação continuada. Isso seria um ponto negativo, já que, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004), a formação do docente deve ser aprimorada ao decorrer dos anos de exercício, a fim de levar para dentro da sala de aula um ensino com metodologias mais atuais e inovadoras.

Embora haja falta de estudos específicos nessa área, tanto na formação inicial quanto na continuada, as professoras demonstraram interesse pela área de ensino da variação linguística ao responder uma pergunta específica que introduzimos na entrevista, a qual questionava suas pretensões diante da temática - Você gostaria de ter mais formação na área de ensino da variação linguística? Justifique sua resposta. A resposta foi unânime, no entanto, apenas a Professora 6 justificou sua respostas de acordo com a proposta da pergunta.

Me interessa muito pela área. (Professora 2)

Sim, gostaria.(Professora 4)

Gostaria muito, principalmente com relação ao preconceito linguístico.(Professora 5)

Sim. A formação continuada nessa área poderá propiciar novos conhecimentos que nos dias atuais são muito importantes para o ensino da língua portuguesa. (Professora 6)

Sendo assim, a partir dessas afirmações, acreditamos num futuro promissor, em que os estudos da Sociolinguística Variacionista serão estudados e contemplados com devida importância. Em seguida, será exposta uma análise reflexiva sobre a abordagem da variação linguística e do preconceito linguístico no documento normativo BNCC e nos materiais didáticos usados por cada uma das entrevistadas.

4.2 “Abordagem acerca da variação linguística e do preconceito linguístico na BNCC e nos materiais didáticos”

No que diz respeito à abordagem da variação linguística, em sala de aula, atrelada à orientação curricular utilizada pelas voluntárias tais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Currículo Referência de Minas Gerais ou outros documentos normativos, observou-se que a maioria das docentes consideram que esses documentos contemplam, em parte, o trabalho com a variação linguística na sala de aula. Para uma das professoras entrevistadas, tais documentos:

não são perfeitos, pois apresentam muitas lacunas. Porém, acredito que contemplam sim a variação de modo necessário. (Professora 6).

Já para a Professora 3,

A BNCC melhorou bastante a abordagem da variação linguística, todavia o currículo referência de MG ainda deixa muito a desejar, está desatualizado. (Professora 3)

Deste modo, no entendimento das voluntárias entrevistadas, o tratamento da variação linguística proveniente dos documentos educacionais ainda é raso e necessita de melhorias. A descrição das respostas das professoras vão ao encontro com o trabalho do autor Marcos Bagno (2014), que diz que, embora os documentos normativos tenham introduzido alguns conceitos até então pouco conhecidos acerca da sociolinguística, ainda há muitos obstáculos pela frente, uma vez que, são poucos os títulos que, abordam essa temática, principalmente, nos materiais didáticos.

Em relação ao material didático utilizado pelas seis voluntárias da pesquisa concernente à variação linguística e ao preconceito linguístico, tem-se que as cinco professoras atuantes nas escolas públicas utilizam o

livro didático disponibilizado pela rede de ensino do governo. (Professora 2)

e/ou

livro didático e PET. (Professora 3)

Já a docente atuante na rede privada, opera com

apostilas do Sistema de Ensino SAE DIGITAL. (Professora 1)

Observamos que essas respostas foram um pouco superficiais. No entanto, quando questionadas sobre o conteúdo desses materiais, apenas a professora da escola privada afirmou que

o material contempla as temáticas citadas. (Professora 1)

Em contrapartida, as docentes das escolas públicas declararam em unanimidade que o material disponibilizado pelo Governo contempla, em parte, esse conteúdo. Nesse sentido, a Professora 1 pondera que

...não me prendo a este material, busco sempre outras alternativas que complementam a proposta e que se adequam à realidade dos meus alunos. (Professora 1)

A Professora 4 também apresenta a mesma linha de raciocínio e ainda complementa:

O principal suporte de trabalho ainda é o livro didático, ele traz um bom material sobre a variação linguística, mas muito pouco relacionado ao preconceito linguístico. (Professora 4)

Nota-se, portanto, a necessidade das docentes de complementarem seu material de trabalho para abranger estes conteúdos.

Em relação à prática docente, no tocante da variação linguística, as seis voluntárias afirmaram que operam tal temática na sala de aula de diversas maneiras. De modo geral, as docentes apresentaram seus pontos de vista e também exemplificam suas estratégias para trabalharem este conteúdo. Como, por exemplo, o relato da professora 3, que diz que:

embora haja conteúdos específicos em que se aborda diretamente a variedade linguística, procuro incluir reflexões sobre a variação linguística durante todo o trabalho, na análise dos vários gêneros textuais, na parte de literatura e de gramática. (Professora 3)

Já a Professora 5 relata que trabalha esse conteúdo para

além da proposta vinculada ao livro didático, procuro trabalhar usando letras de músicas, texto das redes sociais, buscando algo mais próximo da realidade dos alunos. Eles adoram! (Professora 5)

Nestes casos, observa-se que as docentes procuram ministrar tal temática para além do material didático, apresentando, assim, um leque de possibilidades tais como o uso de

músicas, poemas, gêneros textuais, entre outros recursos didáticos para que os alunos compreendam um pouco mais acerca da diversidade linguística.

Um fator de extrema relevância foi citado pela maioria das voluntárias, as quais demonstraram utilizar contextos reais ao abordarem a variação linguística nas aulas, como se vê nas falas a seguir:

Dou exemplos de situação vividas em geral, deixando com que eles observem a variação proposta. Destaco a importância da comunicação e que a observação de seus interlocutores e a situação envolvida é sempre fundamental. (Professora 2)

Apresento para os alunos os tipos de variações presentes em nossa língua (...) e analisamos juntos situações de linguagem: músicas de diversos gêneros musicais, poemas, memes, piadas, editais dentre outros. (Professora 6)

Essas condutas corroboram com o estudo de Bortoni-Ricardo (2014), Bagno (2013), Tarallo (1986), sendo este aspecto, de contexto real, um ponto inestimável para o desenvolvimento da variação linguística em sala de aula.

No tocante ao trabalho com o preconceito linguístico, as respostas foram plurais e muito significativas, das cinco voluntárias, apenas uma afirmou não trabalhar, ainda, a questão do preconceito linguístico, mas segundo ela:

Percebo a necessidade de investir em mais informações sobre o trabalho do preconceito linguístico. (Professora 4).

A partir disso, observamos que a maioria das docentes trabalha a questão do preconceito linguístico, principalmente, atrelado à variação linguística, uma vez que ambos estão conectados. Para uma das professoras:

É fundamental que o professor de Português aborde essa temática esclarecendo que deve haver uma adequação linguística ao contexto social e que precisamos respeitar a forma de se comunicar utilizada por outros grupos sociais. (Professora 1).

Nesse sentido, ressaltamos a relevância de se trabalhar, em sala de aula, as questões atreladas à adequação linguística, contexto social e respeito, como, por exemplo,

para que os alunos compreendam que, conforme os estudos de Martins e Guimarães (2016), existe uma distinção entre a modalidade falada e escrita e também contexto situacional para se utilizar a norma padrão e a norma culta.

Segundo Bagno (2014), o caminho para o combate do preconceito linguístico é um processo lento, contínuo e profundo, isto é, necessita de estudo, aprimoramento e principalmente, dedicação. Infelizmente, e conforme exposto anteriormente, os documentos normativos tais como a BNCC, o Currículo Referência de Minas Gerais e outros, ainda deixam muito a desejar nesse quesito. Entretanto, observamos, a partir das respostas, um fator de extrema relevância: a pluralidade das cinco voluntárias da pesquisa atrelado às práticas de ensino. Em síntese, as docentes apresentaram um leque de possibilidades no tratamento do preconceito linguístico em sala de aula de maneira ampla e diversificada. O recorte a seguir elucida tal observação:

Costumo introduzir a aula de preconceito linguístico com o conto "Nóis mudemo" do autor Fidêncio Bogo, no qual narra-se a história de um aluno que não estudou devido à má postura da professora ao repreendê-lo por sua fala, que é típica da zona rural. Além disso, utilizo das origens familiares dos próprios alunos e de situações de sala de aula para tecer as considerações. (Professora 2).

A prática da professora em questão coloca em destaque a relevância de utilizar recursos que sejam próximos à realidade dos alunos, já que, assim, essa temática passa a ser observada para além da sala de aula, como pertencente ao meio. Tal consideração também pode ser observada na fala da professora 5, a qual pondera que

... o preconceito linguístico pode acarretar consequências graves ao indivíduo que sofre. (Professora 5)

E essas respostas mostram maior aptidão dessas professoras ao ministrarem esse conteúdo ao mesmo tempo em que sinalizam um avanço para além dos moldes do ensino tradicional.

No cerne dessa discussão, recorremos a Bagno (2014, p.35) a fim de demonstrarmos a relevância dessas práticas docentes: “A escrita, a literatura, e a escola são instituições eminentemente sociais, são invenções culturais, criações artificiais e muito recentes na história da humanidade.” Ou seja, o trabalho desenvolvido pelas voluntárias vai ao encontro

com os estudos de Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2005) e Faraco (2008), os quais abordam a necessidade de haver uma reeducação da sociolinguística nas escolas.

4.3 Em relação aos desafios no ensino: Gramática vs Variação linguística

Os desafios apontados pelas professoras são muitos, entre os mais comentados estão a falta de materiais didáticos e o combate ao preconceito linguístico. Uma das professoras pondera que a falta de conhecimento dos princípios da variação linguística, ocasiona o preconceito linguístico, já outra relata que

... é difícil lidar com as piadinhas e zuações, principalmente dos jovens, que muitas vezes não entendem o que esse tipo de coisa pode causar na vida dos outros. (Professora 6)

Por fim, a Professora 7 nos conta que

Alguns alunos que vêm de outros estados do país insistem em não 'aceitar' o R retroflexo dos alunos lavrenses. Além disso, pontuam alguns comentários preconceituosos que tornam-se desafios, pois percebo que são concepções enraizadas pelo sistema escolar e por tradição familiar. (Professora 1)

No tocante a essa questão, é possível observar que as docentes possuem inúmeros desafios ao abordarem a temática do preconceito linguístico e da variação linguística em sala de aula, uma vez que o sistema escolar, conforme o relato da Professora 1, está enraizado nos moldes tradicionais de ensino, os quais valorizam a norma padrão e conseqüentemente, as variações e as questões relacionadas ao combate do preconceito linguístico não são abordadas ou se quer exploradas.

As percepções das professoras não estão equivocadas uma vez que, como já vimos, Marcos Bagno (2005) afirma que o preconceito linguístico se dá como consequência de uma educação que objetiva as formas diferentes de dizer que se distanciam daquelas prescritas pela gramática normativa. A Professora 2 nos chamou a atenção por apresentar uma percepção diferente perante os desafios enfrentados na docência referente ao tema. Ela pontua que

Em relação ao preconceito acho bem tranquilo, mas em relação a variação linguística a dificuldade é promover a adequação linguística dos alunos aos contextos sociais. Com o aumento do uso de redes sociais, estamos vivendo um momento em que os alunos têm dificuldade de se comunicar em ambientes mais formais. Dessa forma, se por um lado houve um avanço no reconhecimento da variação linguística, por outro a norma culta tem sido cada vez mais negligenciada pelos alunos”. (Professora 2)

A partir desse relato, percebemos que de fato essa confusão entre a norma culta e norma padrão ocorre. Bagno (2007) explica que os linguistas não são a favor de excluirmos a norma padrão das escolas, o aluno deve ter um conhecimento mais aprofundado da língua para saber se comunicar em situações mais formais. E para além disso, faz-se necessário um ensino consciente da língua, valorizando-a em sua totalidade: fala, escrita. Formal, informal, variedades, padronização, uma vez que o objetivo é fazer com que o estudante consiga interagir nas diversas situações de comunicação, desde a mais formal até a mais informal. No entanto, é válido ressaltar que faz-se necessário que as docentes apresentem aos alunos conteúdos relacionados a adequação linguística e ao contexto social, para que assim, eles compreendam as diferentes formas de se utilizar a língua de acordo com os diferentes contextos comunicativos.

Até a realização dessa pesquisa, acreditávamos que o trabalho com a gramática ainda era o mais valorizado para se ensinar a língua portuguesa nas escolas. Porém, fomos surpreendidas com as revelações de algumas entrevistadas. Além do desafio considerado pela professora 2, a Professora 3 declarou

A sociedade ainda acredita que queremos abolir o ensino de gramática”, e por fim a professora 4 explicou que um grande desafio é “o questionamento de alguns alunos e até colegas de trabalho que consideram a variação linguística uma ofensa ao ensino da língua formal. (Professora 3)

A partir dessas perspectivas parecidas sobre o ensino da variação linguística relacionado com a gramática normativa, podemos perceber que a variação linguística tem sido contemplada nas escolas sim, mas não de um jeito satisfatório, já que algumas pessoas acreditam que o ensino da variação linguística é uma “ameaça” de certa forma. Portanto, cremos que os atuais e futuros docentes devem estar bem preparados para desmistificar esse

tipo de ideia sociolinguística não postula desfazer de nenhuma variedade linguística, mas sim, de apresentar todas as maneiras de se expressar na língua, mantendo o respeito para com todas elas, a fim de obter um ensino efetivo que oportuniza os alunos interagirem em quaisquer situações de comunicação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em pauta ocupou-se de investigar como a variação linguística e o preconceito linguístico são abordados atualmente nas salas de aulas. Para tal, contamos com a colaboração de seis professoras para nos informar como elas tratam essa temática em suas aulas. A partir disso, pudemos fazer uma análise comparativa entre a prática delas e a teoria, segundo estudiosos da Sociolinguística Variacionista, tais como, Labov (1968; 1972), Bagno (2005; 2007), Bortoni-Ricardo (2004; 2005), entre outros.

Inicialmente, na apreciação dos dados, analisamos as concepções das professoras eram semelhantes em relação à língua e ao ensino do português. Todavia, para perguntas específicas sobre a abordagem da variação linguística juntamente com o preconceito linguístico, não só dentro da sala de aula, como também na formação continuada de cada uma, obtivemos algumas respostas “mais completas”, pouco similares ou até opostas a outras. E observamos que a idade das professoras e o tempo de carreira são fatores relevantes na análise, bem como, os setores as quais atuam, pois o acesso a materiais didáticos, por exemplo, é diferenciado.

Como contribuição deste trabalho, destacamos: a distinção entre mudança e variação, articulação entre modalidade oral e escrita e questões relacionadas a abordagem da BNCC e dos materiais didáticos utilizados pelas voluntárias. Ao longo de todo o processo para realizar este estudo, foi possível identificar a necessidade de trabalho nas escolas que envolva o tema, pois ele instiga os alunos a refletir sobre o uso da língua considerando toda a riqueza que ela possui. Tal compreensão irá levá-los ao conhecimento da norma padrão, de maneira a não aceitar o preconceito referente à variação linguística presente na sociedade e, conseqüentemente, no ambiente escolar.

A partir de toda a nossa análise, constatamos que o debate acerca do preconceito linguístico e da variação linguística ainda precisam chegar, de fato, na sala de aula. Mesmo que tais temáticas ainda não sejam tratadas com a devida atenção, pode-se afirmar que a

maioria das entrevistadas sabem a respeito dos princípios básicos da sociolinguística; algumas contemplam os temas variação linguística e preconceito linguístico quando oportuno, e outras demonstraram disposição em introduzi-los em suas aulas. Infelizmente, notamos que nenhuma delas, em suas formações continuadas, dedicam tempo para estudar esses assuntos específicos.

Verificou-se a partir da análise que, de modo geral, o tratamento da variação linguística e do preconceito linguístico em sala de aula é abordado em partes nas aulas de língua portuguesa do Ensino Fundamental e Médio. Esse cenário está atrelado ao uso do material didático fornecido pelas escolas, sejam elas do setor público ou do setor privado e também do tratamento dado pelas professoras em relação a essas temáticas. Nesse sentido, observou-se que o tratamento da variação linguística e do preconceito linguístico, em sala de aula é apresentado aos alunos de acordo com o material didático disponibilizado pelas instituições. Esses recursos, em sua grande maioria, não contemplam de forma ampla as temáticas acerca da variação linguística e do preconceito linguístico.

Entretanto, é importante ressaltar que, a dedicação das professoras entrevistadas em complementarem os recursos oferecidos a elas por materiais extras que abordam essas temáticas de forma mais plural e significativa. Dessa forma, que o tratamento da variação linguística e do preconceito linguístico está presente sim nas salas de aulas, mas de maneira limitada. Segundo Coscarelli et al. (2008), o primeiro passo para que essas questões sejam trabalhadas no cerne educacional é o professor reconhecer

O professor reconheça sua própria fala como uma atividade social, como uma manifestação legítima da língua e, principalmente, passe a associar a discriminação que é feita por meio da linguagem com as discriminações que são feitas na sociedade [...] (PRESENÇA PEDAGÓGICA, 2008, p. 10)

A partir do que foi discutido no decorrer do trabalho, espera-se que tenha contribuído para demonstrar o tratamento da variação linguística e do preconceito linguístico nas aulas de língua portuguesa do ensino fundamental e médio, uma vez que essa temática “é um fator oferece um campo amplo investigativo capaz de abarcar vários olhares sobre a fala do indivíduo (principalmente), sem, no entanto, excluir a questão da escrita de suas preocupações”. (OLIVEIRA, p. 15, 2017)

Referências bibliográficas

- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. Revista Presença Pedagógica. V. 14, n. 79, jan./fev. 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BATISTA-SANTOS, Dalve Oliveira; SANTOS, Domingas Ferreira dos. **O ensino de língua portuguesa na perspectiva do professor: que gramática devemos ensinar?** Eutomia, Recife, 23(1): 45- 68, jul. 2019.
- BECHARA. Evanildo C. (org.). **Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras Língua Portuguesa**. São Paulo: Nacional, 2011.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna: a Sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegamos na escola e agora? Sociolinguística e educação**. São Paulo. Parábola, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto. 2014.
- BRASIL, Ministério da Educação (MEC). **Base Nacional Comum Curricular. Educação é a Base**. Brasília, 2017/2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: 06 de jun. de 2021.
- COELHO, Izete. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/ UFSC, 2010.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. – 4ª Ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, Maria Lúcia Castro. **Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo Saraiva, 2009.
- KLEINSCHMITT, Sandra Cristina. **Apostila de metodologia da pesquisa científica**. Paraná. 2001.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

MOITA-LOPES, L. P. **Pesquisa interpretativista em linguística aplicada**: a linguagem como condição e solução. D.E.L.T.A., vol. 10, nº 2, 1994.

SANTOS, Natalice Ferreira dos. **O professor e o ensino de Português: estamos em que estágio da mudança de paradigma?** Bahia: UESC/PPGE, 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

TARALLO, Fernando (1986). **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática.

TOMITCH, Lêda Maria Braga; TUMOLO, Celso HenriqueSoufen. **Pesquisa em letras estrangeiras**. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2009. 131p.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006[1968].

FONTES MARTINS, R. M. F; GUIMARÃES, D. M. O. **A prática da variação linguística e a variação linguística na prática da sala de aula**. In: CANO, M. R. O (org.) et. al. Língua Portuguesa: sujeito, leitura e produção. São Paulo: Blucher, 2016.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ENTREVISTADOS**1ª Pergunta:**

Qual a sua idade?

Professora 1: 25 anos

Professora 2: 32 anos

Professora 3: 33 anos

Professora 4: 29 anos

Professora 5: 46 anos

Professora 6: 40 anos

2ª Pergunta:

Especifique sua formação acadêmica:

Professora 1: Pós Graduação, Mestranda em educação

Professora 2: Graduação, Letras

Professora 3: 33 anos, Bacharel em direito, complementação pedagógica em Letras/Língua Portuguesa

Professora 4: Pós Graduação, Letras

Professora 5: Pós Graduação, Educação

Professora 6: Pós Graduação, Letras

3ª Pergunta:

Em qual município você atua:

Professora 1: Lavras/MG

Professora 2: Nova Resende/MG

Professora 3: Oliveira/MG

Professora 4: Lavras/MG

Professora 5: Lavras/MG

Professora 6: Lavras/ MG

4ª Pergunta:

Em qual setor você atua?

Professora 1: ESCOLA PRIVADA

Professora 2: ESCOLA PÚBLICA

Professora 3: ESCOLA PÚBLICA

Professora 4: ESCOLA PÚBLICA

Professora 5: ESCOLA PÚBLICA

Professora 6: ESCOLA PÚBLICA

5ª Pergunta:

Há quanto tempo você leciona?

Professora 1: 3 anos

Professora 2: 12 anos

Professora 3: 3 anos

Professora 4: 4 anos

Professora 5: 26 anos

Professora 6: 15 anos

6ª Pergunta:

Para quais turmas leciona?

Professora 1: Ensino Fundamental II

Professora 2: Ensino Fundamental II

Professora 3: Ensino Fundamental II e Ensino Médio

Professora 4: Ensino Fundamental II e Ensino Médio

Professora 5: Ensino Fundamental II

Professora 6: Ensino Fundamental II

7ª Pergunta:

Qual a sua concepção de língua?

Professora 1: Utilizo a concepção de língua com um olhar da linguística funcional. Nesse sentido, a língua configura-se como um sistema de códigos partilhado por determinado grupo social com o intuito de atingir a comunicação. A língua não é um sistema ambulante e independente, mas sim um sistema que recebe contribuições das identidades dos indivíduos e, por conseguinte, de suas culturas.

Professora 2: É a capacidade de nos comunicar, por qualquer que seja o modo em que ela seja feita, desde que haja compreensão dos interlocutores.

Professora 3: Na minha concepção língua é o conjunto de códigos usado na comunicação por determinado grupo.

Professora 4: A língua(gem) é um processo de “interação”. O indivíduo, ao fazer uso da língua, não exterioriza apenas o seu pensamento, nem transmite somente informações; mais do que isso, realiza ações, atua socialmente, objetivando atingir, com seu uso, resultados específicos na interpretação do outro.

Professora 5: Acredito que a língua não deva ser usada apenas para transmitir informações ou pensamentos, mas também para o aluno/cidadão se posicionar, defender seu ponto de vista no meio em que ele vive.

Professora 6: É um instrumento de comunicação que possui diversas variedades

8ª Pergunta:

Para você, o que e como deve ser o ensino de língua portuguesa?

Professora 1: O ensino de Língua Portuguesa deve ser pautado nos eixos leitura, escrita, oralidade e análise gramatical. O ensino não pode ser tecnicista e utilitarista com enfoque somente na Gramática tradicional, mas sim um ensino que leve o sujeito a refletir sobre as práticas de linguagens circundantes na sociedade. Nesse sentido, o professor deve contribuir no processo de levá-lo a reconhecer a língua como uma entidade social. Assim, por meio dos gêneros textuais e das significações discursivas possibilitar o reconhecimento da disciplina como um alicerce na formação do sujeito multiletrado, crítico e autônomo.

Professora 2: Uma das formas de ensino é basear a língua portuguesa na vivência dos alunos, desta forma ele terá a oportunidade de aplicar em sua vida de uma maneira descomplicada o que aprendeu.

Professora 3: O ensino deve ser dinâmico, reflexivo e promover o desenvolvimento da capacidade dos alunos de compreenderem textos e se comunicarem adequadamente nos diversos contextos.

Professora 4: O ensino de língua portuguesa deve partir dessa concepção e utilizar de ferramentas e metodologias que objetivem o aluno a fazer um bom uso da língua para se comunicar, expressar, ser cidadão, ter criticidade.

Professora 5: O ensino da língua deve ser contextualizado com a realidade do aluno, respeitando as diferenças linguísticas.

Professora 6: O ensino de língua portuguesa deve levar em consideração as suas variantes, ser realizado de maneira contextualizada, além de contemplar os diversos gêneros discursivos.

9ª Pergunta:

Como você avalia sua formação (inicial e continuada) na área de ensino de língua? E na área específica de ensino da variação linguística?

Professora 1: Estou em processo de término do Mestrado Profissional em Educação na UFLA. A minha área de pesquisa não fundamenta-se especificamente na variação linguística. Contudo, ao focar nos gêneros multimodais e multissemióticos e nas suas várias possibilidades de linguagens é necessário compreender que o contexto atua diretamente na formalidade dos gêneros textuais e discursivos, o que de certo modo contempla sutilmente a variação linguística. Na graduação tive a oportunidade de conhecer autores que despertaram em minhas concepções a pedagogia da variação linguística. Acredito que a formação do professor deve ser ao longo da vida "continuada". Precisamos do ócio, mas não é possível parar de refletir sobre os usos da língua e da linguagem.

Professora 2: Todo aprendizado foi importante, parte do meu conhecimento devo a oportunidade que tive. Mas acredito que é na prática que se aperfeiçoa tudo que lhe foi ensinado e aprende-se ainda mais.

Professora 3: Avalio minha formação inicial rasa e minha formação continuada bem mais eficaz, na medida em que a vivência docente me permite identificar áreas que eu necessito aprofundar. A variação linguística é uma dessas áreas que me despertam o interesse.

Professora 4: Minha formação inicial foi muito boa nesse quesito, mas não há continuidade...

Professora 5: Minha formação, se comparada com a de hoje, foi bem diferente. Em 1995, quando me formei, o ensino era totalmente voltado para o uso da gramática, não se aprendia a produzir artigos, capítulos... Quanto a variação linguística, muitas vezes, era vista como "errada". Nunca fui orientada a trabalhar a variação linguística.

Professora 6: Inicial foi precária em todos os sentidos. Continuada está relevante na área de ensino de língua, mas deixa a desejar com relação à variação linguística.

10ª Pergunta:

Você acha que a orientação curricular utilizada pela escola (BNCC, Currículo Referência de Minas Gerais ou outros) delimita, adequadamente, o trabalho com a variação linguística na sala de aula?

Professora 1: Os documentos educacionais não são perfeitos, pois apresentam muitas lacunas. Porém, acredito que contemplam sim a variação de modo necessário. Penso desse modo, pois as outras áreas do âmbito da língua materna não são mais evidenciadas do que a variação linguística. Poderia ser mais enfático? Sim. Mas aí precisariam também ampliar outros assuntos. Considero que o que a BNCC, especificamente, aborda em relação à variação linguística é suficiente para despertar no professor a consciência e a urgência no trabalho dentro da perspectiva variacionista de linguagem.

Professora 2: Não completamente, o regente da turma deve observar a necessidade dos seus alunos e adaptar o que achar necessário.

Professora 3: Sim.

Professora 4: A BNCC melhorou bastante a abordagem da variação linguística, todavia o currículo referência de MG ainda deixa muito a desejar, está desatualizado.

Professora 5: Hoje já melhorou muito. Os livros didáticos trazem uma boa diversidade de conteúdos porque seguem as orientações da BNCC.

Professora 6: Não.

11ª Pergunta:

Você trabalha a questão da variação linguística na sala de aula? Como? Se possível, exemplifique.

Professora 1: Os documentos educacionais não são perfeitos, pois apresentam muitas lacunas. Porém, acredito que contemplam sim a variação de modo necessário. Penso desse modo, pois as outras áreas do âmbito da língua materna não são mais evidenciadas do que a variação linguística. Poderia ser mais enfático? Sim. Mas aí precisariam também ampliar outros assuntos. Considero que o que a BNCC, especificamente, aborda em relação à variação linguística é suficiente para despertar no professor a consciência e a urgência no trabalho dentro da perspectiva variacionista de linguagem.

Professora 2: Sim, dou exemplos de situação vividas em geral, deixando com que eles observem a variação proposta. Destaco a importância da comunicação, e que a observação de seus interlocutores e a situação envolvida é sempre fundamental.

Professora 3: Sim, no entanto embora hajam conteúdos específicos em que se aborda diretamente a variedade linguística, procuro incluir reflexões sobre a variação linguística durante todo o trabalho, na análise dos vários gêneros textuais, na parte de literatura e de gramática. Como exemplo recente no trabalho do PET volume 2 trabalhei esse assunto

juntamente com o gênero textual LEI, com o romance, com concordância verbal, pois na minha visão a variação linguística está presente em todo estudo da língua portuguesa.

Professora 4: Sim. Sempre há um capítulo específico no livro para este tema. Mas a variação linguística sempre pode ser encaixada na compreensão dos textos, na discussão dos livros, é um assunto que os alunos têm despertado muito pra ele. Assim, podemos sempre trazê-lo à baila. Por exemplo, numa aula sobre concordância verbal e nominal, cabe falarmos sobre variação linguística.

Professora 5: Ainda não trabalho muito o preconceito linguístico, às vezes, tento demonstrar usando exemplos de personagens famosas ou até de alguns colegas com sotaques diferentes. Percebo a necessidade de investir em mais informações sobre o trabalho do preconceito linguístico.

Professora 6: Sim. Me pauto nos materiais didáticos disponíveis para os alunos e agrego outras fontes.

12ª Pergunta:

E a questão do preconceito linguístico, você trabalha também? Como? Se possível, exemplifique.

Professora 1: Sim. O preconceito linguístico é apresentado junto com a discussão de variação. Costumo introduzir a aula de preconceito linguístico com o conto "Nóismudemo" do autor FidêncioBogo, no qual narra-se a história de um aluno que não estudou devido à má postura da professora ao repreendê-lo por sua fala, que é típica da zona rural. Além disso, utilizo das origens familiares dos próprios alunos e de situações de sala de aula para tecer as considerações.

Professora 2: Trabalho sempre respeito em geral, o estudo sobre esse assunto também requer esta reflexão. O ser humano não pode julgar ou ter conceitos pré formados baseando-se somente em grau de escolaridade, lugar onde vive, idade. É claro que não temos o direito de julgar ou desrespeitar ninguém, mas usar de variação linguística para rotular os outros é inadequado e preconceituoso.

Professora 3: Sim, talvez esse seria o principal aspecto do meu trabalho relacionado a variação linguística. É fundamental que o professor de Português aborde essa temática esclarecendo que deve haver uma adequação linguística ao contexto social e que precisamos respeitar a forma de se comunicar utilizada por outros grupos sociais. Como exemplo cito em minha aulas exemplos de encontros entre pessoas que possuem diferentes formas de falar e promovo um debate sobre a necessidade de se respeitar o próximo.

Professora 4: Sim. Não há como falar de variação linguística sem falar do preconceito linguístico. Todavia, ao falarmos de outros preconceitos, como a xenofobia, o preconceito linguístico volta novamente à discussão.

Professora 5: Ainda não trabalho muito o preconceito linguístico, às vezes, tento demonstrar usando exemplos de personagens famosas ou até de alguns colegas com sotaques diferentes. Percebo a necessidade de investir em mais informações sobre o trabalho do preconceito linguístico.

Professora 6: Sim. Busco ressaltar que é importante conhecer as variantes da língua sem a ideia de certo ou errado.

13ª Pergunta:

Que material didático você utiliza? Nesse seu material didático, há proposta de trabalho com as temáticas concernentes à variação linguística e ao preconceito linguístico?

Professora 1: Utilizo as apostilas do Sistema de Ensino SAE DIGITAL. O material contempla as temáticas citadas.

Professora 2: Uso livro didático disponibilizado pela rede de ensino do governo, mas este é apenas um norte, não me prendo a este material, busco sempre outras alternativas que complementam a proposta e que se adequam a realidade dos meus alunos.

E sim, o livro sempre vem abordando este assunto.

Professora 3: Utilizo o material fornecido pela escola (livro didático e PET) e complemento esse material com material de pesquisa próprio. E sim há essa temática em todos os materiais.

Professora 4: Utilizo o livro didático e o PET. Ambos têm as temáticas citadas

Professora 5: O principal suporte de trabalho ainda é o livro didático, ele traz um bom material sobre a variação linguística, mas muito pouco relacionado ao preconceito linguístico.

Professora 6: Livro didático, sites. Sim.

14ª Pergunta:

Que desafios você enfrenta no ensino da variação linguística e da questão do preconceito linguístico?

Professora 1: Alguns alunos que vêm de outros estados do país insistem em não "aceitar" o R retroflexo dos alunos lavrenses. Além disso, pontuam alguns comentários preconceituosos que tornam-se desafios, pois percebo que são concepções enraizadas pelo sistema escola e por tradição familiar.

Professora 2: O maior desafio é conseguir despertar o interesse de todos os alunos pelo estudo da língua, fazer com que entendam o quanto isso é importante para vida de cada um. Não é

uma questão de que vou prosseguir meus estudos, fazendo uma faculdade ou não, mas trata-se de comunicação, uma boa comunicação, fazer com que qualquer pessoas me entenda, que em qualquer situação eu consiga me comunicar. Quanto ao preconceito é difícil lidar com as piadinhas e zuações, principalmente dos jovem, que muitas vezes não entendem o que esse tipo de coisa pode causar na vida dos outros.

Professora 3: Em relação ao preconceito acho bem tranquilo, mas em relação a variação linguística a dificuldade é promover a adequação linguística dos alunos aos contextos sociais. Com o aumento do uso de redes sociais, estamos vivendo um momento em que os alunos tem dificuldade de se comunicar em ambientes mais formais. Dessa forma, se por um lado houve um avanço no reconhecimento da variação linguística, por outro a normal culta tem diso cada vez mais negligenciada pelos alunos.

Professora 4: O desafio é externo à escola. A sociedade ainda acredita que queremos abolir o ensino de gramática.

Professora 5: A falta de material e o questionamento de alguns alunos e até colegas de trabalho que consideram a variação linguística, uma ofensa ao ensino da língua formal.

Professora 6: Muitos desafios, pois o material é escasso.

15ª Pergunta:

Você gostaria de ter mais formação na área de ensino da variação linguística? Justifique sua resposta.

Professora 1: Com o que foi apresentado e discutido na graduação consigo circular dentro dessa área nas minhas práticas de ensino. Todavia, independente da área acredito que é sempre bom mais reflexões, mais ideias e mais possibilidades de atividades e práticas. :):)

Professora 2: Me interesse muito pela área, inclusive meu TCC foi baseado neste assunto.

Professora 3: Sim. Acredito que todo conhecimento a respeito da minha área de atuação é importante e a variação linguística é um tema que gosto muito de trabalhar.

Professora 4: Sim, gostaria.

Professora 5: Gostaria muito, principalmente com relação ao preconceito linguístico. E também, sugestões de material de apoio, mas algo acessível à escola pública, onde temos uma cota mínima de cópias/xérox por mês.

Professora 6: Sim. A formação continuada nessa área poderá me propiciar novos conhecimentos que nos dias atuais são muito importante para o ensino de língua portuguesa.